

ANTROPOLOGIA DO DESPORTO: O REENCONTRO COM HERMES

Rui Proença Garcia *

Nota prévia

Como professor da disciplina de Antropologia do Desporto no curso de licenciatura da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, perguntamos todos os anos aos nossos alunos, logo na primeira aula, que ideia é que têm sobre esta disciplina. Invariavelmente as respostas convergem para o estudo das culturas do passado, do exótico, das actividades associadas ao mundo rural e para o estudo dos jogos tradicionais. Quase ninguém associa a Antropologia do Desporto ao estudo do homem que pratica desporto. Admitimos que para a criação daquela ideia contribuam algumas capas de livros, justamente intitulados de Antropologia do Desporto, escritos em diversas línguas, que invocam o exotismo, por vezes conotado correcta ou incorrectamente com o «primitivo», para se revelarem ¹.

Normalmente os alunos associam o estudo do passado a-histórico ao antropólogo, o passado histórico ao historiador e ao sociólogo associam o estudo das sociedades modernas, em especial a abordagem àquilo que decorre nas cidades, no quotidiano.

Poucos são os alunos, mesmo dos cursos de mestrado ², que vêem a antropologia como uma ciência (ou conhecimento) do homem e não apenas como uma visão do passado intemporal, quiçá arquétipo, com contornos narrativos ou fabulosos, fatalmente desprovidos de valor científico.

* Professor Catedrático da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

¹ Um exemplo, entre outros, é o livro *Antropologia del Deporte*, de Kendall Blanchard e Alyce Cheska, Barcelona: Ediciones Bellaterra, 1985, em cuja capa se apresenta uma fotografia de dois homens lutando e muitos outros assistindo, talvez tirada numa qualquer povoação africana.

² A Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto lecciona no presente momento seis cursos de mestrado, dos quais cinco comportam a disciplina de Antropologia do Desporto ou afim, o que revela a enorme importância atribuída à análise cultural para a consecução da superior missão da Faculdade.

Porém, o tempo muda e com ele mudam-se, com rapidez³, algumas concepções que grassaram no estudo do desporto. Hoje, e tal visão é pacífica, a Antropologia do Desporto volta-se decisivamente para as pessoas, sejam elas do mundo da ruralidade sejam, e cada vez o são mais, do mundo urbano. A antropologia entrou sem receios na cidade, no *shopping center* – verdadeiro *ágora*⁴ da con-temporaneidade –, nas sofisticadas academias onde se cultua o corpo, e nos estádios – autênticas catedrais do desporto moderno⁵. Porém, nesta diversidade topográfica, a Antropologia do Desporto não abandona a compreensão do passado, pois este é o garante da nossa condição humana que se expressa numa identidade constantemente renovada, mas, qual paradoxo, assente em valores comuns que importam preservar. E aqui é da mais elementar justiça relembrar nomes de ilustres investigadores que olhando para o passado souberam, e sabem, projectar o futuro, casos do saudoso Professor Noronha Feio e do Doutor Mário Cameira Serra, que lá no interior serrano, na cidade da Guarda, tem conseguido dar vida a este pensamento. Por outro lado, é curial referir o nome do Doutor Jorge Crespo, sem dúvida alguém que ajudou a credibilizar a antropologia *sobre as coisas* do desporto.

Finalmente, para concluir este breve intróito, urge afirmar que a antropologia não está sozinha no papel de conferir um significado humano ao desporto. Se uma das exigências da modernidade⁶ foi o esboroar do homem (um discurso em estilhaços, nas palavras de Baczko⁷) em áreas de estudo para que assim melhor pudesse ser explicado e compreendido, actualmente uma das tarefas mais gratificantes que se coloca ao investigador é o de proceder a sínteses integradoras do ser humano, pelo que antropologia, sociologia, filosofia e mesmo pedagogia dão as mãos entre si, projectando-as para outras áreas, com o fito de sustentarem uma ideia de *pessoa praticante de desporto*.

A Antropologia do Desporto, longe dos grilhões impostos por visões parcelares do ser humano, convoca outros saberes para tentar essa ciclópica e infinita

³ Se a mudança é uma constante das sociedades humanas (como nos canta Camões: *Mudam-se os tempos / Mudam-se as vontades / Muda-se o ser / Muda-se a confiança / Todo o mundo é composto de mudança / Tomando sempre novas qualidades*), o que particulariza o nosso tempo é a velocidade com que ela se desenvolve.

⁴ Do grego *agorá*, sendo o grande centro cívico das cidades gregas, onde as pessoas se reuniam para o comércio, convívio, manifestações sociais e religiosas, etc. (de acordo com a *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura, Edição Século XXI*. Lisboa: Editorial Verbo, vol. 1, pp. 843-844).

⁵ É bem recente, Outubro/Novembro de 2003, a discussão emotiva sobre qual é a verdadeira catedral do futebol português, polémica essa veiculada pela comunicação social, particularmente pela imprensa desportiva.

⁶ Julián Marías considera que a filosofia ocidental conserva esta fragmentação, sendo já visível, provavelmente mesmo proveniente, na Grécia Antiga. *El Tema del Hombre*. Madrid: Espasa Calpe, 1996, pp. 12 e 13.

⁷ Baczko, Bronislaw, «Homem», in *Enciclopédia Einaudi*, vol. 42. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2000, pp. 384-404.

tarefa da nossa própria compreensão. Não será uma compreensão abstracta mas na acção desportiva, pelo que todos os elementos constantes desta acção são sujeitos da antropologia. Atletas, desde os de alta competição até àqueles mais esporádicos, treinadores, público, professores e alunos de Educação Física, passando pelos investigadores, jornalistas e muitos outros, todos se assumem como elementos fundamentais para o correcto entendimento de um dos mais mediáticos e concorridos fenómenos do nosso tempo.

Uma história sem importância

Durante alguns anos calcorreei uma boa parte da floresta amazónica brasileira ⁸, satisfazendo a exigência que um trabalho de campo de cariz antropológico sobre povos que habitam a imensidão verde, impõe aos seus autores. Desloquei-me dentro da floresta de avião, avioneta, em canoas de alumínio com motores extremamente potentes, em canoas escavadas em árvores e movidas à custa dos vigorosos braços de «índios», a pé, enfim, numa multiplicidade de meios que me levaram a locais onde a realidade excede o sonho maravilhoso. Fui presenteado com paisagens inarráveis, com cores que nenhuma paleta de pintor conseguirá reproduzir com exactidão, com momentos mágicos que não se repetirão. Vi cenários que nunca tinha presenciado e deixei de ver muito daquilo que no nosso quotidiano está sempre presente. Afastei-me do trivial, daquelas coisas que enchem as nossas vidas, revivendo o drama inicial de Jacinto, do queirociano romance *A Cidade e as Serras*.

Mas, um pouco por todo o lado, fui confrontado com a existência de pequenos e mal acabados campos de futebol, com as suas balizas, por sinal bastante toscas, bem erguidas ao alto, igualando-se às naturais árvores amazónicas, num claro desafio axiológico entre civilizações ⁹. O desporto, neste caso o futebol, a assumir a categoria de um autêntico universal antropológico, contribuindo um pouco para a compreensão do tremendo mistério inerente ao ser humano.

Poderão dizer os mais cépticos que estamos perante fenómenos de hegemonia cultural, sendo o futebol uma expressão desse rolo compressor que é a «cultura do branco» em relação àquela outra tradicional dos povos autóctones da floresta. Porém, também é legítimo pensar que estamos frente a um fenómeno muito mais profundo que a simples cópia submissa, em algo inserido no próprio ser, pelo que as práticas desportivas poderão ser entendidas como expressões

⁸ Ver Garcia, Rui; Jurema, Jefferson, «A importância social das brincadeiras das crianças da etnia Tukana da Amazônia brasileira», in *Vértice* (84): 88-93, 1998.

⁹ A este respeito ver Garcia, Rui; Jefferson, Jurema, «Futebol indígena: jogo de (re)criação», in *A Amazônia entre o Esporte e a Cultura*. Manaus, Editora Valer, 2002, pp. 261-266.

contextuais de valores humanos. A isso damos o nome de fundamentos antropológicos que legitimam o desporto na essência do próprio ser.

Desporto, destarte, inscreve-se no homem, tornando necessária a compreensão do mesmo para compreender, depois, aquilo que é praticado, assistido, discutido, investigado ou pensado.

Partamos, então,

Em busca de uma fundamentação antropológica do desporto

No dia a dia somos confrontados com pequenos acontecimentos a que damos uma atenção reduzida ou mesmo nula. Tal acontece pela nossa proximidade com esses momentos (gestos, palavras, rotinas) e porque muito daquilo que se passa em nosso redor nem sempre merece a atenção devida. É provável que sejamos poucos a pensar na monstruosidade probabilística que é o facto de todas as células do corpo humano funcionarem com a harmonia com que o fazem habitualmente. Talvez ninguém se empenhe a pensar que, como exclama Heschel, é um autêntico milagre que entre tantas centenas de milhões de rostos não haja dois exactamente iguais. Talvez também ninguém perca demasiado tempo a reflectir no facto de existirem, desde tempos imemoriais, manifestações humanas que podem expressar, sem custo, a ideia do *nosso* desporto.

É óbvio que não estamos a falar de actividades decalcáveis com as actuais, mas de actividades onde é possível verificar a existência dos grandes valores intrínsecos ao desporto. Para isso basta *ler* com profundidade essas acções humanas, e nada melhor que a hermenêutica moderna para revelar os sentidos profundamente humanos *escondidos* nas práticas desportivas.

Torna-se evidente que a atribuição de sentidos ao desporto pressupõe uma inevitável interpretação, encontrando-se esta prisioneira de um determinado contexto cultural que lhe possibilita, qual redução, um horizonte temporal e topográfico.

Assim, qualquer interpretação sobre o desporto não deve reduzir-se ao imediatismo da prática em si mesma, mas tentar compreender o praticante de desporto, invariavelmente o ser humano, sendo este o grande desígnio da Antropologia do Desporto.

Fruto dos tempos, a racionalidade cognitivo-instrumental¹⁰ tem-se imposto no areópago do desporto, deixando de lado um outro tipo de pensamento, mais de cariz contemplativo, e que agora importa recuperar. As narrativas não têm que ser menos verdadeiras que os «papers» dos congressos científicos. São elementos

¹⁰ A respeito das diversas racionalidades seguimos Boaventura Sousa Santos, no seu livro *Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*, Porto, Edições Afrontamento, 1996, 5.ª ed., pp. 193-196.

de domínios diferentes e só com a justa reunião entre as várias racionalidades é que será possível aquilatar da enorme dimensão da vida humana.

A antropologia, pelo menos dentro da perspectiva em que a concebemos ¹¹, deve tentar aproximar-se da pessoa humana, daquilo que é inerente a essa condição, seguindo o veio da compreensão, indagando os *porquê* e *para quê* do desporto ¹², do seu significado mais profundo, observando o desporto a partir da pessoa, entendendo-o sempre como um meio e nunca como um fim em si mesmo.

A *nossa* Antropologia do Desporto concretiza, desta forma, o incisivo apelo do Vaticano II, para quem as instituições têm que estar sempre ao serviço do homem e nunca a situação inversa. O homem é, e tem que ser, a medida de todas as coisas, sendo esta a mensagem humanista que queremos transmitir através de um corpo de saberes devidamente estruturado.

Santo Agostinho, sem sombra de dúvida uma das maiores personagens do cristianismo, ao questionar-se sobre o homem (*magna quaestio*), utiliza a primeira pessoa do singular para designar o sujeito e o objecto em questão ¹³. O homem interior surge assim em toda a plenitude e é, em grande parte, esta concepção que nos interessa desenvolver no desporto. Nesta perspectiva, o desporto ao fundamentar-se no homem, em cada homem, obriga-nos a buscar, sem cessar, o sentido encerrado nas suas manifestações. Então, a reflexão sobre o próprio ser humano constitui-se como a agostiniana questão maior da Antropologia do Desporto. Para além do homem se constituir como fundamento do desporto, assume-se também como a sua finalidade (*telos*), numa clara perspectiva teleológica que não cabe abordar neste simples ensaio.

Desporto e Pessoa Humana

A pergunta feita a Édipo «o que é o homem?» é universal, tendo percorrido grande parte da história da nossa existência ¹⁴. Desde os pré-socráticos até aos autores contemporâneos, esta questão tem sido colocada e continua por responder de maneira inequívoca. Das teorias biológicas até às teorias mais esotéricas, de tudo um pouco tem sido convocado para definir este impressionante ser.

¹¹ É óbvio que a disciplina de Antropologia do Desporto leccionada no curso de licenciatura da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, corresponde exactamente à nossa visão sobre o que deve ser esta área de conhecimento no âmbito do desporto.

¹² Para esta concepção invocamos Teixeira de Pascoaes, qual musa inspiradora, especialmente o livro *O Homem Universal e Outros Escritos*, Lisboa, Assírio & Alvim, p. 72.

¹³ A este respeito seguimos de perto Santo Agostinho, em *Confissões*, São Paulo, Martin Claret, ed. 2002, e Reale, Giovanni; Antiseri, Dario, *Historia del Pensamiento Filosófico y Científico*, Barcelona, Editorial Herder, 1991, vol. 1, pp. 371-400.

¹⁴ Segundo Julián Marías, a reflexão sobre o homem é posterior à reflexão sobre as coisas, sendo tardia na metafísica ocidental. *Ob. Cit.*, pp. 11-12.

Para Aristóteles o homem é um animal político. Platão vê-o como um bípede sem penas. Os estóicos-escolásticos definem-no como um animal racional. Para Séneca é uma realidade sagrada. Descartes defendeu que o homem é um ser que pensa. Muitos outros autores, como Pascal, Marx, Engels, Nietzsche, Scheler, Bergson, Huizinga, com o famoso *homo ludens*, e Edgar Morin, também intentaram as suas versões, mas este tem resistido à prisão que uma definição encerra¹⁵. E não é pelo facto de ser algo dificilmente traduzível por palavras que o homem deixa de o ser. Mais importante que a sua definição é, sem dúvida, a sua plena existência.

A filosofia tem consciência da dificuldade que é compartimentar por palavras o ser humano, pelo que não será estranho que uma actividade profundamente humana, caso do desporto, também não se atrele a definições ligeiras.

Uma definição, seja de homem ou, mais prosaicamente, de desporto, tem que possuir duas características primárias: ser abrangente e, qual paradoxo, limitativa. Abrangente pois deve considerar tudo aquilo que lhe diz respeito. Limitativa dado que tem que excluir do seu enunciado tudo que não faça parte do seu próprio universo. Esta tarefa parece-nos imensa, uma vez que a universalidade da definição nunca nos é formalmente garantida, pelo menos para além de um breve horizonte espaço-temporal.

André-Comte Sponville pensou que teria encontrado para o homem um enunciado com aquelas duas características, afirmando que ser humano é qualquer ser nascido de dois seres humanos. A possível técnica de clonagem, de forma arrepiante, mostra-nos que tal pode não ser assim¹⁶.

Se para a questão «o que é o homem?» a solução não é fácil, para responder à pergunta «quem é o homem?» o problema avoluma-se. Como alude Delfim Santos¹⁷ (p. 274) «posto o problema em referência ao «quem», não interessa conhecer a enumeração dos ingredientes constituintes do homem», mas aquilo que é exclusivamente humano, irreproduzível, «intransferível e conformado ao próprio objecto da pergunta» (idem).

Manuel Ferreira Patrício¹⁸, no respeitante à educação, vai ainda mais longe, indagando «o que é o homem que nos cumpre formar em cada um dos homens?», sendo possível projectarmos este questionamento para a nossa área de intervenção.

As ciências da natureza, indiscutivelmente aquelas a quem mais se tem recorrido para a construção dos saberes do desporto, não têm capacidade para iden-

¹⁵ Encontramos em Anselmo Borges em «Introdução» à edição portuguesa do livro de Pedro Laín Entralgo, uma excelente resenha sobre a evolução da tentativa de resposta à questão «o que é o homem?» que, com o devido respeito, aproveitámos para referir neste breve ensaio. *O que é o Homem*, Lisboa, Editorial Notícias, 2002, pp. 7-20.

¹⁶ Ver nota anterior.

¹⁷ Santos, Delfim, *Obras Completas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, vol. 3.

¹⁸ Patrício, Manuel Ferreira, *A Escola Cultural: horizonte decisivo da Reforma Educativa*, Lisboa, Texto Editora, 1996, 3.^a ed.

tificar um ser que busca a transcendência da sua própria natureza. E o desporto é, acima de tudo, uma forma de o homem se transcender e expressar esse seu desejo¹⁹. O desporto, mais que uma manifestação (bio)física, é o sentido de uma vontade própria.

Retomando as questões anteriores, frise-se que o «que» se reporta a uma realidade estática, momentânea, enquanto que o «quem» invoca uma dinâmica e novas situações do homem perante a sua própria existência. O homem é o ser que se constrói no tempo e no espaço, pelo que não nos é difícil aceitá-lo como um ser situado temporal e topograficamente²⁰.

Temporal pois há um tempo no qual e mediante o qual o homem se realiza. Topográfico porque se concretiza num lugar próprio, *topos* esse que lhe imprime determinadas características, mesmo morfológicas²¹. Marcel Mauss dizia que distinguia, só pelo caminhar, um inglês de um francês²², como todos nós conseguimos, com relativa facilidade, distinguir pela morfologia um jogador de uma modalidade de um outro que pratique outra coisa, numa clara relação dialéctica entre causa e efeito.

Desta forma torna-se evidente a importância que a antropologia tem para a compreensão do desporto. Sem reflectir o homem, sem analisar a sua situação e o seu contexto cultural, tornamos insuficiente qualquer teorização sobre o desporto. A afirmação do praticante deve sobrepor-se ao praticado, pelo que deveremos renunciar a discursos «coisificantes» do ou sobre o homem. Nesta conformidade, uma qualquer definição e/ou fundamentação de desporto, deverá estar referenciada ao homem na perspectiva dinâmica sugerida pelo «quem é», evitando a referência estática, cristalizada no tempo.

O desporto vive o mesmo drama de temporalidade ou da dinâmica incutida pelo tempo. Aquilo que *ontem* era entendido como verdade, *hoje* pode parecer ultrapassado. Basta lembrar que em tempos não muito idos, início do século XX, aconteceram competições muito estranhas, como a de cuspir em distância. Nessa altura esse gesto foi «desportivizado». Era uma actividade tão legítima para o movimento desportivo como qualquer arremesso ou salto em comprimento.

Por todas as razões, ou «não-razões», atrás apresentadas, a nossa *definição de desporto* tem presente o sentido humano que é dado às diferentes manifestações.

¹⁹ Já tivemos o ensejo de expor o nosso pensamento sobre a transcendência no desporto em «Educação Física: em nome do rendimento ou em busca da excelência», aquando da Conferência de Abertura da *II Convenção das Escolas de Educação Física do Estado de Minas Gerais*, Belo Horizonte, 21 de Novembro de 2002.

²⁰ Temos estes conceitos devidamente aprofundados em «Da desportivização à somatização da sociedade», in *Contextos da Pedagogia do Desporto*, Lisboa, Livros Horizonte, 1999, pp. 113-163.

²¹ Em tempos apresentámos a tese da morfogénese cultural do corpo humano, onde defendemos a ideia que a própria forma do corpo está muito dependente do local onde o processo de vida decorre. *Provas de Agregação*, Porto, Universidade do Porto, 1998.

²² Mauss, Marcel, *Sociologie e Antropologie*, Paris, PUF, 1989, pp. 365-386.

Assim, **desporto é tudo aquilo que em cada momento se considera ser desporto**. Sabemos que estamos perante uma *impossibilidade* dado que não se pode definir algo por si mesmo, mas não conseguimos melhor do que isto. Sabemos que a tentação para o relativismo axiológico é enorme, mas temos que conseguir aparar os excessos impostos por esse relativismo.

O desporto configura-se e reconfigura-se em função da visão que temos de homem, ou seja, está dependente da nossa cosmovisão. E esta, indiscutivelmente, posiciona o ser humano no centro de onde tem que irradiar todo o pensamento, mesmo sobre o desporto.

Quando reflectimos sobre a Educação Física, consignada que está na nossa concepção ao espaço e ao tempo da Escola, o nosso sentimento mantém-se inalterável. A educação, para o ser, tem que considerar o ser humano, aquele e não outro ser humano, para levar adiante a sua superior tarefa *anagógica*²³, isto é, da elevação da pessoa.

A educação, neste caso particular a Educação Física, não pode desligar-se da criança que lhe é presente, nem do contexto cultural onde está inserida, nem, tão pouco, da matriz que lhe dá forma e sentido, inequivocamente o desporto, no seu mais amplo polimorfismo. Também na Educação Física a diversidade humana se patenteia, pelo que só através de uma esclarecida visão de pessoa humana poderemos ser consequentes e, por isso, educadores.

Mas se o homem é o fundamento dos fundamentos do desporto, também é legítimo pensar noutros *fundamentos*, quiçá mais ligeiros e pragmáticos, para melhor circunscrever a mais impressionante actividade cultural dos nossos tempos.

Consideremos, então, o desporto nos seus aspectos exteriores, facilmente observáveis por todos aqueles que resolverem olhar com cuidado para as suas múltiplas expressões.

Desporto e elementos motores

Ao longo dos últimos anos temos assistido metódica e sistematicamente²⁴ a práticas desportivas, quer aquelas mais simples quer aquelas mais complexas como são, inevitavelmente, as grandes competições mundiais. Temos visto crianças, jovens, adultos jovens e menos jovens, idosos, pessoas com ou sem deficiências, homens e mulheres, quer nos recintos desportivos tradicionais como nos novos locais de prática, caso das novéis academias, nas Escolas – aulas e recreio –, quer ainda em locais mais informais. Também estamos a tentar perceber os valores justificativos destas práticas recentes, ligadas que estão a ideais de

²³ Patrício, Manuel Ferreira, *A Pedagogia de Leonardo Coimbra*, Porto, Porto Editora, 1992, p. 461.

²⁴ Não será fácil contabilizar em horas as centenas de cassetes de vídeo assistidas, nem as observações directas efectuadas nos diversos recintos desportivos.

beleza, de juventude e de saúde, e em todas conseguimos isolar determinados elementos motores ou afins que, ao combinar-se, dão origem às diferentes modalidades ou práticas desportivas. São eles:

- iii) *deslocamentos*. Correr, caminhar, nadar e mesmo voar são elementos universais a que nenhuma prática desportiva em rigor se furta;
- iii) *saltos*. Caso particular de um deslocamento que, com um propósito ou outro, é também muito frequente, seja naquelas modalidades mais «energéticas», seja naquelas de cariz mais expressivo;
- iii) *arremessos*. A ideia de arremessar ou de lançar está patente num sem número de actividades, associando-se muitas vezes às anteriores. Em algumas ocasiões é o próprio corpo ou um seu segmento que é arremessado; e
- iv) *lutas*. Quer na sua forma simbólica ou real, lutar é uma atitude natural do homem, sendo o desporto uma expressão moderna do ideal agónico que há muito é percebido e discutido.

É evidente que estes quatro elementos não têm que se encontrar em todas as modalidades em simultâneo, nem têm que aparecer com o mesmo grau de importância relativa. Se algumas modalidades desportivas enfatizam mais, por exemplo, a corrida, outras, naturalmente, orientam-se em direcção à luta. Podemos ilustrar esta última situação com o judo, onde, ao agarrar o adversário, se luta de verdade, recorrendo-se a deslocamentos específicos, na tentativa de projectar alguém para vencer a prova. Por outro lado, se tomarmos como exemplo o futebol, verificamos que todos estes elementos estão presentes em elevada percentagem, sendo difícil, ou impossível, imaginar um jogo sem a existência de qualquer uma destas simples estruturas motoras.

Contudo, nenhum destes elementos é especificamente humano, nem cada um *per se* ou em forma associada legitimam o desporto. Correr (aqui apresentado apenas como um exemplo de deslocação) é uma actividade natural de muitos animais, não sendo exclusiva do homem. Este, ao mais elevado nível, consegue percorrer pequenas distâncias (até 200 metros) a uma velocidade próxima dos 37 Km/h. Um elefante, com todo o volume corporal que o caracteriza, fá-lo a mais de 40 Km/h. Um lobo pode deslocar-se a uma velocidade análoga ao recordista mundial dos 100 metros durante várias horas, sem nenhuma paragem para descanso.

A capacidade de salto de um canguru faz corar de vergonha o melhor saltador mundial, bem como a precisão de arremesso de alguns peixes que conseguem cuspir a distâncias proporcionalmente notáveis, a fim de derrubarem das árvores insectos de que se alimentam. Note-se que os erros de paralaxe motivados pelas diferenças de meio, não constituem nenhum problema para estes pequenos animais.

Quando vemos um falcão peregrino a voar, qual aríete, para a sua presa a uma velocidade superior a 200 Km/h e a acertar no alvo, o que pressupõe uma extraordinária capacidade para perceber trajectórias, verificamos quão longe estamos destas *performances*, pelo que temos que nos interrogar sobre aquilo que é o desporto. Este não pode ser apenas o conjunto destes elementos, mas algo mais que isso. Não pode ser somente o resultado desses elementos providos de um corpo de regras, pois existem inúmeras actividades humanas normalizadas que os combinam mas que se afastam totalmente do conceito de desporto.

Então o que é o desporto? E para esta resposta as teorias ou definições de cultura formuladas por Kröeber²⁵ e Kluckhohn²⁶ dão-nos uma extraordinária ajuda. Desporto é aquilo que nós acrescentamos à natureza. Se correr, saltar, arremessar e lutar são actividades «naturais» (é evidente que temos que ter alguma reserva na formulação desta concepção), desporto é aquilo que acrescentamos a esses gestos e/ou condutas. Desporto, qual acréscimo, é o sentido cultural, mesmo axiológico, que o homem a cada momento atribui a esses elementos motores constitutivos do património natural. Correr por si só não é desporto, excepto se o superior sentido atribuído a essa corrida for o desportivo, pelo que assumimos a definição já enunciada: «desporto é tudo aquilo que em cada momento se considera ser desporto». Desporto, por este conjunto de argumentos, é uma estrutura de sentido proporcionado pela cultura que atribui determinados significados e valores aos diferentes movimentos humanos, numa clara inter-relação entre os planos individual e social.

Importa salientar que não é condição suficiente para que determinada actividade ou atitude assuma a condição de desporto, a simples afirmação da vontade individual mas a sua plena aceitação por parte da sociedade ou grupo a que se pertence. Kluckhohn, mais uma vez, *está* bem presente nesta perspectiva.

Assim, entendemos que não é propriamente o acto de se movimentar, mesmo que conscientemente – isto é, a motricidade humana –, que é significativo e legitimador das Ciências do Desporto, mas a atitude do homem em cada momento perante o movimento desenvolvido que, desta forma, vai configurando e reconfigurando práticas, podendo estas ascender ao estatuto de desporto.

Temos plena consciência da tautologia da proposição atrás apresentada, mas, como já indicíamos, não conseguimos ultrapassar esta circularidade do conceito de desporto. Vemos o desporto moderno como uma contextualização axiológica temporal e localmente estabelecida de gestos ou actividades bastante simples que se complexificam ao gosto de cada sociedade e de cada época histórica.

²⁵ Para Kröeber cultura é um acréscimo à natureza. Ver *A Natureza da Cultura*, Lisboa, Edições 70, 1993.

²⁶ Para Clyde Kluckhohn «cultura é um conjunto de modelos normativos compartilhados pelos membros de determinado grupo, e esses modelos servem para regular a conduta do grupo, estando acompanhados por sanções, em caso de incumprimento das normas», in Reale, Giovanni; Antiseri, Dario, *Op. Cit.*, vol. 3, p. 785. Agora, caro Leitor, substitua a palavra cultura por desporto e leia, na íntegra, a anterior definição. A similitude de conceitos não é pura coincidência.

Se durante longos períodos de tempo se procurou a «verdade» isoladamente em cada uma das áreas científicas, num quase autismo intelectual, actualmente importa encetar diálogos profícuos, devendo a Antropologia do Desporto proceder a sínteses, tentando compreender os dados de outras áreas do saber humano, proporcionando-lhes determinados significados que nem sempre os números conseguem estabelecer. É o caso, por sinal bem recente, da leitura do metafórico livro da vida.

O homem já tem capacidade para fazer o ADN expor muitos dos seus segredos mais íntimos, revelando mistérios insondáveis, tornando o utópico em real, o imaginário em algo tangível.

Essa leitura da vida, no entanto, deu azo a sentimentos paradoxais. Sabemos agora como é a nossa estrutura mais sensível e, ao mesmo tempo, tomámos consciência que, afinal, não somos muito diferentes do resto dos seres vivos. Ao que parece, ao nível do ADN, a diferença entre um animal e nós pode não chegar sequer a um por cento.

Em tempos Galileu e Copérnico provaram que não somos o centro do universo. Depois Freud demonstrou que nós, seres racionais, nos comportamos muitas vezes de forma inconsciente. E agora vêm-nos dizer que não somos muito diferentes de alguns animais. É justo, então, que perguntemos: o que é que virá a seguir para que a nossa auto-estima se atrofie ainda mais?

Pensemos nesse 1%, essa minúscula percentagem que pouco ou nenhum significado estatístico terá quando falamos em milhões e milhões de degraus que compõem a nossa escada helicoidal. Mas é exactamente essa mísera diferença que nos faz transcender em relação às outras formas de vida, sejam elas quais forem. É esse 1% que permite que uma sinfonia seja composta, um poema seja escrito, uma catedral seja erguida e que permite que se transforme uma actividade física (comum à de muitos animais) numa tremenda manifestação de cultura. É que esse 1% permite configurar um gesto, uma actividade, uma conduta animalesca em algo provido de sentido humano ou cultural, pleno de valores.

No fim de contas, o desporto é a transformação, por esse ínfimo diferencial, de deslocamentos, saltos, arremessos e/ou lutas em algo inequivocamente humano, revelador de sentidos, mesmo ontológicos, por onde o homem se revela como ser, inclusive de cariz sagrado. O *homo religiosus*, tantas vezes referido por Mircea Eliade, encontra no desporto mais uma ocasião para se mostrar.

Desporto e elementos humanos

Agora, mais do que nunca, torna-se necessário ver o homem na sua globalidade, em claro contraste com a visão fragmentada de outros tempos. Do mesmo modo, o desporto terá que ser percebido enquanto prática humana, não ficando circunscrito a um momento único das nossas vidas. Se em tempos o desporto era um atributo de uma determinada sociedade, de um bem definido escalão etário,

jovens e adultos jovens, e quase confinado ao sexo masculino, hoje é de todos, desde praticamente o nascimento até aos últimos momentos de vida, sem distinção sexual, estendendo-se à globalidade dos povos do mundo, numa clara afirmação de universalidade.

Então, o que é que poderá haver de comum entre povos culturalmente distantes, entre idades tão diversas, entre modelos pessoais de prática tão diferenciados ou entre objectivos aparentemente tão díspares?

Para tentar responder a estas questões encetámos variados trabalhos, com o objectivo de estabelecer um fio condutor para a compreensão deste fenómeno.

Estivemos, como já referimos, em povos submetidos a culturas bem diferentes da nossa, mais propriamente da Amazónia brasileira, cuja lógica de vida pouco ou nada tem de comparável à nossa²⁷. Fomos à Escola tentar perceber aquilo que é desenvolvido na disciplina de Educação Física, tanto na visão dos programas, dos professores como, naturalmente, dos alunos²⁸. Através da bibliografia geral, tentámos perceber as actividades desenvolvidas pelos povos europeus ao longo dos séculos, com realce para a idade média, renascimento e idade moderna, naquilo que se constituem os jogos tradicionais e formas de preparação guerreira²⁹. Visitámos, como é evidente, a competição do mais elevado nível³⁰. Viajámos ainda pelo desporto para pessoas com deficiências, sensorial, motora, mental ou múltiplas³¹. E não nos esquecemos do desporto para pessoas idosas³², nem das inúmeras práticas ocorridas em academias da moda³³.

²⁷ Garcia, Rui; Jurema, Jefferson, *A Amazônia entre o Esporte e a Cultura*, Manaus, Editora Valer, 2002; Jurema, Jefferson, «O Universo Mítico-Ritual do Povo Tukano: análise centrada nas actividades lúdicas», *Dissertação de Doutoramento*, Porto, Universidade do Povo, 1999; Soares, Artémis, «O Corpo do Índio Amazónico: estudo centrado no ritual Worecu do povo Tikuna», *Dissertação de Doutoramento*, Porto, Universidade do Porto, 1999.

²⁸ Garcia, Rui; Queirós, Paula, «L'Education Physique Scolaire et les nouvelles valeurs: la comprehension de l'Education Physique à la lumière des mutations axiologiques de notre société en cette fin de millénaire», in *Actas do Congrès International Quelle Education Physique dans quelle École?* Bussard, Jean-Claude; Rooth, Frédéric (eds.), Neuchâtel, 1999, pp. 149-152; Queirós, Paula, «O corpo na Educação Física: leitura axiológica à luz de práticas e discursos», *Dissertação de Doutoramento*, Porto, Universidade do Porto, 2002.

²⁹ Garcia, Rui, «A Corrida: da origem aos nossos dias. Estudo sobre a evolução do conceito e do valor da corrida através dos tempos», in *Dissertação apresentada às Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica*, Porto, Universidade do Porto, 1990.

³⁰ Garcia, Rui, «O Desporto no Universo Mítico-Religioso: os modelos existenciais revelados pela corrida da maratona», *Dissertação de Doutoramento*, Porto, Universidade do Porto, 1993.

³¹ Garcia, Rui, «Contributo para uma conceptualização do tempo livre para pessoas com deficiências», in *Actas do Seminário A Recreação e Lazer da População com Necessidades Especiais*, Porto, FCDEF e CMP, 2000, pp. 49-55.

³² Santiago, Leonéa, «Os valores orientadores das práticas desportivas em grupos emergentes da terceira idade: um estudo sobre as suas construções simbólicas», in *Dissertação de Doutoramento*, Porto, Universidade do Porto, 1999.

³³ Pereira, Ana Luísa, «Considerações acerca da relação corpo e desporto numa perspectiva ecológica», in *Dissertação de Mestrado*, Porto, Universidade do Porto, 1998.

Ora, em todas estas pesquisas levadas a efeito por nós próprios ou elaboradas sob nossa (co) responsabilidade, verificámos a existência de traços comuns, que apenas se distinguem uns dos outros pela forma externa que, na nossa forma de ver, se assumem como verdadeiras categorias que fundamentam o desporto.

Assim, observámos a existência de três grandes ideias, a saber:

i) *lúdico*. Em todas as actividades analisadas ressaltou a ideia do lúdico. A alegria, o prazer e até mesmo um certo sentimento de brincadeira, existem na totalidade destas actividades, variando apenas no seu grau de intensidade relativa em cada uma delas. Se não há grandes dúvidas sobre a existência desta categoria numa brincadeira de crianças, já no desporto de alta-competição poderá haver resistência à sua identificação. No entanto, se percebermos lúdico como o faz Kretchmar³⁴, onde a satisfação associada ao prazer são os elementos caracterizadores, concluímos que mesmo o desporto de mais elevado nível de rendimento e realizado no local mais estandardizado, não é indiferente a esta categoria. Aliás as declarações ou quaisquer outros tipos de manifestações dos atletas, evidenciam bem a existência do lúdico nesta forma de desporto;

ii) *rendimento*. Parece-nos que o rendimento é um valor de extrema importância no homem. A actividade humana encontra-se fortemente marcada por este valor, sendo difícil conceptualizar uma vida sem rendimento³⁵. Surge como uma verdadeira condição humana, pelo que terá que ser desenvolvido numa perspectiva humanista. A consciência da importância do rendimento não é recente, nem poderá ser atribuída em exclusividade a qualquer corrente filosófica, ideológica ou política, mas um valor que perpassa todos os homens e, por tal, inscrita na humanidade. O desporto moderno, bem como outras manifestações consideradas como partes integrantes do discurso do desporto, não são mais que formas contextualizadas à luz do quadro axiológico da modernidade para exprimir esta categoria humana. Pela simplicidade da linguagem – percebida por todos – o desporto denominado (erradamente, pois todos o são) de competição ganhou assim uma visibilidade na expressão da categoria rendimento, mas de forma alguma se poderá imputar-lhe a génese dessa categoria. Esta é intrínseca ao ser humano e revela-se através de um sem número de formas, inclusive as desportivas;

iii) *superação*. Intimamente ligado ao rendimento, encontramos o terceiro destes fundamentos do desporto. O ir mais depressa, mais longe ou mais alto, no fim de contas a trilogia do desporto moderno preconizada por Pierre de Coubertin³⁶, constitui-se num autêntico imperativo ético da vida humana, naquilo que

³⁴ Conferir Kretchmar, R. Scott, *Practical Philosophy of Sport*, Illinois, Human Kinetics, 1994.

³⁵ Conferir nota n.º 19.

³⁶ Referimo-nos à expressão *citius, altius, fortius*.

consideramos ser a eterna aspiração à transcendência. Com efeito, transcender a condição humana parece ser um desígnio proveniente dos tempos imemoriais, estando devidamente comprovado pelos relatos etnográficos³⁷ e pela literatura universal. Quem não se lembra dos grandes heróis míticos do passado que, de uma forma ou outra, se projectaram para além da condição humana, superando mesmo o tempo?

Ao longo dos tempos estes eixos que vectorizam o desporto, foram sendo contextualizados à luz dos diversos quadros axiológicos por onde as diferentes sociedades se orientavam e orientam. Naturalmente que as actividades se diferenciam de povo para povo, de época para época, mas, a nosso ver, mantêm intactas as categorias referidas, não havendo verdadeiras rupturas entre elas.

Sabemos que diversos autores, e aqui salientamos dois que durante muito tempo trabalharam em conjunto, Norbert Elias e Eric Dunning³⁸, vêm o desporto moderno como uma séria ruptura com as práticas anteriores, considerando assim o desporto como algo de novo e recente na história da humanidade.

É evidente que não é nosso propósito analisar aqui profundamente as teses destes dois importantes autores, mas tão somente apresentar uma outra visão, esta nascida dos estudos realizados e já citados neste texto.

Durante as nossas deambulações pela Amazónia brasileira³⁹, tivemos a ocasião de observar o decurso de variados rituais, especialmente relacionados com a passagem das crianças para a vida adulta. Assistimos a verdadeiras provas físicas onde o elemento superação é central. Só se entra na vida adulta após a superação de determinadas provas, não havendo, muitas vezes, qualquer outra oportunidade. Porém, quando observamos as brincadeiras das crianças dessas comunidades, verificamos que são constituídas por elementos verdadeiramente preparatórios para a ultrapassagem das dificuldades inerentes ao ritual a que, inevitavelmente, elas serão sujeitas um dia. Repare-se que é através de simples brincadeiras que se consegue um desenvolvimento harmonioso do corpo e das qualidades volitivas, que assim permitirão superar a violência intrínseca do ritual iniciático, acontecimento este que possibilitará a ascensão da criança a um mundo até então interdito, qual seja, o mundo dos adultos.

Lúdico, rendimento e superação entrelaçam-se naturalmente na existência destes povos e imbuídos de um determinado sentido.

Por outro lado, quando analisamos as práticas físico-recreativas dos diversos períodos da história da cultura ocidental, verificamos mais uma vez a existência daqueles três eixos fundamentais. É difícil afirmar que as justas ou os torneios

³⁷ Conferir Eliade, Mircea, *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Edições Cosmos, 1990.

³⁸ Ver, destes autores, *A Busca da Excitação*, Lisboa, Difel, 1992.

³⁹ Garcia, Rui; Jurema, Jefferson; Jurema, Jefferson; Soares, Artémis. Conferir notas n.º 8 e n.º 27.

medievais não comportam uma função lúdica. E também não nos esqueçamos que essas lutas simuladas se constituíam como autênticas formas de preparação para as batalhas futuras.

Os jogos tradicionais, que muitos costumam contrapor ao desporto, também evidenciam as características atrás apontadas. É lógico que a dimensão lúdica estará mais patente que as outras, mas aquelas mais próximas da ideia de competição não são para desprezar ⁴⁰.

O discurso circulante em grupos de idosos praticantes de actividades desportivas, associa, não poucas vezes, uma ideia de vida com qualidade à capacidade de se superar determinados imperativos que o tempo provocou. E de certa forma conseguem este importante desígnio. Spirduso ⁴¹ não parece ter dúvidas em afirmar que um idoso fisicamente activo, possui níveis de força maiores que adultos sedentários. Ora, para nós, superação e rendimento coexistem nesta forma particularizada de desporto, que se desenvolve com uma forte componente lúdica, ou seja, através de brincadeiras, quase, infantis. Envelhecer «mais lentamente», como sugere Spirduso, é uma manifestação de rendimento. Ser activo durante mais tempo é superar as naturais agruras impostas pela coordenada antropológica temporal.

Em todos estes exemplos, que se poderiam multiplicar quase até ao infinito, percebemos uma impressionante continuidade de alguns elementos, que apenas se distinguem pela expressão histórica que tomam e/ou pelo nome atribuído nas diversas sociedades. Haverá assim tanta diferença entre um ritual de puberdade, um jogo tradicional e o desporto moderno? Não estaremos perante o mesmo tipo de fenómeno mas em tempos e quadros axiológicos distintos? A nossa percepção impele-nos para aceitarmos a possibilidade de uma resposta positiva a estas questões, embora conscientes das diferenças apontadas por alguns investigadores ⁴².

Face ao exposto estamos perante dois conjuntos de elementos. O primeiro conjunto, formado pela capacidade de deslocamento, de saltar, de arremessar e de lutar – condições externas –, elucida-nos sobre as acções desenvolvidas no desporto.

O segundo conjunto – valores intrínsecos ao homem –, o lúdico, o rendimento e o ideal de superação, fornece-nos uma pista sobre alguns dos *porquê* e *para quê* do desporto.

⁴⁰ Serra, Mário Cameira, em *O Jogo e o Trabalho: episódios lúdico-festivos das antigas ocupações agrícolas e pastoris colectivas*, alude com frequência a estas dimensões. Por exemplo, na página 95, escreve «findo o dia de trabalho, os rapazes iam para junto do Rio Douro, tomavam banho e organizavam competições [...]», Lisboa, Colibri, INATEL, 2001.

⁴¹ Spirduso, W., *Physical Dimensions of Aging*, Illinois, Human Kinetics, 1995.

⁴² Por exemplo, Lévi-Strauss diferenciava estas práticas afirmando que na primeira se entra diferente e se sai igual, enquanto que no desporto se entra igual e se sai diferenciado. De forma alguma partilhámos esta posição que, a nosso ver, é redutora em demasia.

Do cruzamento destes dois conjuntos elementares, associado àquilo que a sociedade aceita como sendo valores do desporto, surge, então, esta importante actividade, realçando-se assim muito mais a dimensão do praticante e bastante menos, mas sem desprezar, aquilo que é executado.

Por outro lado, considera-se o desporto como sendo um fenómeno temporal e topográfico, constituindo-se numa actividade enraizada em determinado tempo e em determinado local. As teorias únicas, talvez hegemónicas e indiscutíveis, dão assim lugar a uma perspectiva mais de acordo com o nosso tempo, onde o homem tem que ser entendido como o fim e nunca como um meio, estando o desporto ao serviço deste e nunca o inverso. Desta forma, uma teoria sobre o desporto deverá levar em consideração a diversidade humana, considerando-se ela mesma diversa, indiciando possibilidades várias sem estigmatizar situações ou atitudes.

O futuro da Antropologia do Desporto: o reencontro com Hermes

Não é fácil articular um discurso relevante sobre o futuro, neste caso sobre o devir da Antropologia do Desporto. O futuro desta disciplina, ou deste conhecimento sobre o binómio homem-desporto, liga-se, qual cordão umbilical, ao futuro do ser humano que está em constante risco e mutação. Mesmo cónscios da apropriação do pensamento de outrem, ocorre-nos, neste momento, o título genérico de um ciclo de conferências promovidas no âmbito do *Porto 2001, Capital Europeia da Cultura*, «O Futuro do Futuro».

Realmente, não sabemos qual o futuro da própria ideia de futuro, pelo que qualquer discussão passa sempre por uma especulação que repousa numa determinada visão de homem e de sociedade que, neste caso, se vai expressar no (ou pelo) desporto.

Concordamos com Karl Popper quando afirma que o futuro está aberto, numa clara alusão à imprevisibilidade dos nossos tempos. Mas, tal e qual um cientista ao formular as hipóteses, nós temos crenças, pelo que é possível antever algo para o futuro do conhecimento antropológico referente ao desporto.

Assim, e em forma de credo,

1. Cremos na necessidade da constante afirmação do ser humano pelo e no desporto.

Ao longo dos últimos tempos o desporto tem sido implacavelmente atacado por muitos que projectam nele todas as contradições existentes na sociedade. É a violência, são os negócios, é a corrupção, é o espectáculo desmedido ou a dopagem. Em todos estes casos há um claro esquecimento dos valores positivos inerentes à prática do desporto e que dificilmente poderão ser vividos através de outras práticas. A antropologia, enquanto conhecimento do homem, poderá desempenhar um papel de primeira água ao evidenciar o primado do ser humano

na prática desportiva. Se muito já está feito, falta ainda realizar bastante mais. Ainda não percebemos na sua máxima extensão a acentuação do homem no desporto, continuando as estéreis discussões sobre temas periféricos, num claro esquecimento do cerne do problema da prática desportiva. Por isso,

2. *Cremos no desporto centrado no homem na sua globalidade e não parcelado a uma idade, ou condição.*

Manuel Ferreira Patrício tem defendido com uma justa insistência, o conceito de *antropagogia*⁴³, fazendo ver que a educação diz respeito ao homem na sua globalidade em vez de ficar restrita a uma idade, invariavelmente ligada à juventude. Esta posição assume-se, de certa maneira, como uma clara ruptura com a ideia clássica de pedagogia que invoca o acto de educar crianças. Se para a educação há já a consciência da pessoa como um ser que se concretiza ao longo de toda a sua existência, também o desporto terá que aprofundar esta visão, não se remetendo, nem deixando que o remetam, apenas para uma idade, para uma determinada condição ou para um modelo absoluto e inquestionável. O futuro da Antropologia do Desporto passa, então, pela consciência *antropagógica* do desporto, isto é, que o desporto é um assunto respeitante ao *antropos*, não estando limitado por qualquer critério redutor da condição humana. Esta crença remete-nos para a seguinte, em que

3. *Cremos na Antropologia em perfeita consonância com outros conhecimentos.*

A antropologia, tal como nos é apresentada por variados autores, convoca outros saberes que se situam entre os dados da biofísica e o modo de pensar da filosofia, chegando mesmo à religião e à teologia, na tentativa de concretizar o seu ciclópico papel de conhecimento integrador do homem que faz desporto. Assim, a antropologia deverá saber situar-se na vanguarda da compreensão do desporto, fazendo convergir para esta interpretação os saberes mais diversos, sem ter receios de perder a sua identidade nem de tentar absolutizar um seu domínio sobre os restantes. Assim,

4. *Cremos no desporto como a concretização de um projecto antropológico.*

Sobre o desporto há vários níveis de intervenção, que se situam desde o domínio da política até à concretização prática do mesmo. Temos sérias, quiçá

⁴³ Patrício, Manuel Ferreira, *A Pedagogia de Leonardo Coimbra*, pp. 461-462.

⁴⁴ Ver nota n.º 18.

fundamentadas, dúvidas se alguma vez se discutiu ou se quis saber «o que é o homem que se quer realizar em cada desportista»⁴⁴. Receamos que na superior formação dos profissionais de Desporto e de Educação Física, a *magna quaestio* nem seja colocada aos alunos. A Antropologia do Desporto tem que reivindicar um espaço para levar todos aqueles que amanhã são os educadores deste país, a reflectir sobre o sujeito que pratica desporto ou que é sujeito das aulas de Educação Física. O desporto não pode continuar a ser órfão desta reflexão, ficando refém de perspectivas conjunturais, olvidando o fundamental que é, como temos vindo a defender, o próprio ser humano. As Faculdades, Institutos, Escolas Superiores ou outras instituições responsáveis pela formação superior em Desporto e áreas correlatas, deverão, antes de tudo, reflectir sobre o homem, antecipando uma visão – cosmovisão – e a partir daí lutar para que cada disciplina, cada grupo disciplinar ou cada curso contribua para a concretização desse ideal. Sem uma visão global de homem a formação destes profissionais pecará por falta de sentido. Cabe à Antropologia do Desporto, embora não em exclusividade, esse papel. Sejamos capazes de o concretizar, situando o pensamento nos diversos contextos, pelo que

5. *Cremos num desporto referenciado à(s) cultura(s).*

Vivemos numa época que balança entre valores globais e valores locais. Nunca como agora os acontecimentos ocorridos nos antípodas se ligam tanto ao nosso quotidiano, mas, como nos cantou Fernando Pessoa, *De minha aldeia contemplo o mundo*. Há um mundo enorme à nossa frente mas é daqui que eu o vou contemplar. A antropologia, ao querer ver o homem praticante de desporto, não pode alhear-se das condições reais inerentes ao *seu* homem. Não cremos no homem genérico que, de alguma forma, está sugerido em Karl Marx nas *Teses sobre Feuerbach*, mas no homem situado, também, culturalmente, pelo que a Antropologia do Desporto terá que saber situar o praticante desportivo no respectivo contexto cultural. É evidente que não se pode cair na facilidade, quiçá politicamente correcta, do relativismo axiológico, mas ter consciência dos valores inescrutáveis do ser humano. Assim, a cultura local deve assumir-se como um contexto extremamente importante para a concretização do homem, sujeito inegável do desporto. Nesta mesma linha, cremos na diversidade antropológica ou cultural, pelo que se torna imperioso levar os que têm funções de responsabilidade no desporto, a considerar a cultura local como um bem a preservar e não como algo a desprezar por ser de valor inferior. Em conformidade, os jogos tradicionais, mais do que simples actividades domingueiras, identificam e dão carácter a diferentes povos e culturas, são um bem a preservar e a necessitar de um aprofundamento dos seus significados, mesmo existenciais, pelo que se constituem como um património da Antropologia do Desporto. Sugestionados pela relevância do valor cultural,

6. *Creemos num aprofundamento do significado antropológico das variadas manifestações desportivas.*

Por vezes nas nossas discussões sobre temas actuais, somos submetidos à terrível tentação de convocar para o nosso seio palavras ou expressões de outras áreas do conhecimento, sem explicitarmos os seus sentidos mais profundos. É um pouco como construir castelos de areia, lindos, sem sombra de dúvida, mas que à primeira investida oceânica se desmoronam rapidamente. Nem sempre temos o cuidado de reflectir sobre algumas palavras ou expressões que, amiúde, utilizamos no nosso quotidiano, inclusive no meio universitário. Apenas como breves exemplos, que carecem de outras reflexões mais aturadas, podemos apontar expressões como *qualidade de vida*, onde a palavra vida não é minimamente considerada, *tempo livre*, mesmo que nunca tenhamos pensado no que é o tempo ou em que é que se constitui a liberdade deste, *estilo de vida*, expressão sugerida por Max Weber com uma determinada intenção, hoje totalmente esquecida, até ignorada, ou ainda da palavra *saúde* associada ao desporto, ficando-se depois pela visão instrumental desta, esquecendo o sentido profundamente antropológico que repousa neste nobre conceito. A antropologia, no seu papel de possibilitar um tempo reflexivo e contemplativo, deverá aprofundar estes conceitos à luz do ser humano, considerando-o tal como somos e não enquistados numa perspectiva efémera, como, infelizmente, parece acontecer com regularidade. Assim, finalmente,

7. *Creemos numa Antropologia do Desporto para reencantar o homem.*

A modernidade levou o homem para um autêntico beco existencial. Vivemos num mundo carente de valores, onde a mesquinhez axiológica se impõe, onde tudo vale, onde as regras são vistas como algo para ser ultrapassado, onde o homem aparece sem limites. Ora, todos estes aspectos pessimistas poderão ser facilmente observados no desporto, pelo que urge reencantar o ser humano, dotá-lo de um projecto de vida, de uma visão positiva do futuro, podendo o desporto cumprir, naquela fracção que lhe é devida, essa importante missão axiológica. Para isso, torna-se imperioso reencontrar a tradição hermenêutica da antropologia, dotando o desporto de valores profundos, levando todos a compreendê-lo como alguma coisa muito para além do golo, do minuto, do metro ou do ponto. Hermes terá que ser invocado, qual musa inspiradora, para nos ajudar a compreender o verdadeiro sentido humano que perdura no desporto, seja a luta leal e inequívoca pela vitória, seja a aceitação da superioridade do outro. A Antropologia do Desporto deverá também levar-nos a pensar que esta actividade, antes de todo o resto, é uma actividade que só tem significado porque é praticada por pessoas e que, por isso mesmo, tem sentidos culturais que importam interpretar. Buscando esses sentidos profundos revelados pelo desporto estamos a interpretar a nossa própria existência, tornando significativo aquilo que

externamente se assemelha a actividades animais. Assim, a leitura profunda do desporto não é mais que um magnífico momento para que melhor nos possamos compreender, restituindo ao homem de hoje um quadro de valores que em tempos foi colocado em dúvida.

Epílogo

O ano de 2004, para além da realização dentro de portas do Campeonato Europeu de Futebol, marca o fim de mais uma olimpíada, culminando nos Jogos de Atenas. A par da final do campeonato mundial de futebol, algumas finais olímpicas têm das mais impressionantes assistências desde que há registo televisivo. Milhões e milhões de pessoas distribuídas pelos 6 continentes e pelas 24 horas do dia, assistem em simultâneo e em directo a alguns momentos desportivos. Que outra manifestação humana tem capacidade para reunir tal plateia? Cremos que nenhuma.

Os campeões, mais que vencedores olímpicos, transformam-se em heróis com quem milhões de pessoas se gostariam de igualar. São exemplos para os mais jovens, são triunfos para os mais velhos que ao aproveitar as virtudes inerentes ao campeão, poderão concretizar o antigo, mas sempre actual e renovado, ideal da *Paidea*. A Antropologia do Desporto também se revê neste ideal porque se trata de uma mensagem de elevação do ser humano. Mais uma vez, antropologia e pedagogia cruzam-se para concretizarem os seus objectivos. Assim, não será estranho afirmarmos que se o desporto e a pedagogia dessem as mãos estaríamos cumprindo os sonhos de António Aleixo e de Fernando Pessoa ⁴⁵, tornando este Ano Europeu da Educação pelo Desporto mais efectivo.

Dedicatória

Dedicamos o esforço, talvez não concretizado, desta escrita ao Doutor Manuel Ferreira Patrício que nos ensinou a pensar a Pessoa Humana.

⁴⁵ De Fernando Pessoa destacamos o livro muito pouco conhecido pelas gentes do desporto, «Exórdio em Prol da Filantropia e da Educação Física», in *Páginas Desconhecidas*, Porto, Editorial Cultura, 1956.